

# Pronomes e passivas do inglês: uma breve perspetivação histórica

*Maria Luísa Azuaga\**

Nos nossos dias, o estudo da mudança linguística e da história das línguas merece cada vez menos relevo nos curricula universitários. No Departamento de Estudos Anglisticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por exemplo, se ainda subsiste a cadeira de História da Língua Inglesa, o facto é que, ao longo desta última década, a disciplina vem sendo retirada de vários cursos.

No entanto, é nosso entender que tais procedimentos deveriam ser corrigidos, pois há muito a beneficiar com os conhecimentos que esta disciplina proporciona, dado que a história da língua fornece respostas seguras para muitas interrogações relativamente ao funcionamento actual do sistema linguístico.

No caso particular do inglês, é inevitável recorrer-se à perspectiva diacrónica para o tratamento de temas como a ortografia, cuja relação com a pronúncia dificilmente se pode compreender sincronicamente, ou como o léxico, cujo carácter cosmopolita reflecte obrigatoriamente o seu passado; há, no entanto, outros aspectos do inglês que também ganham uma luz diferente quando analisados do ponto de vista da história.

O objectivo deste texto é exactamente considerar duas características da língua inglesa, pronomes e passivas, que podem eventualmente levantar algumas questões a quem a aprende ou ensina, e analisá-las de uma perspectiva diacrónica, contribuindo, deste modo, para a sua melhor compreensão.

## 1. Pronomes

Consideremos, a título exemplificativo, o sistema pronominal inglês, em particular a forma do pronome pessoal, 2ª pessoa, *you*.

Trata-se de uma forma que costuma causar alguma perplexidade a quem reflecte sobre ela: de facto, o inglês não apresenta contraste de número na 2ª pessoa, usando *you*, tanto para o singular como para o plural.

É sabido que o português e muitas outras línguas apresentam contraste de número na 2ª pessoa, expressando-o por meio de formas diferentes para o singular e o plural, como *tu* e *vocês* ou *vós*; o inglês, porém, neutralizou este contraste gramatical, apresentando apenas uma forma para o singular e para o plural: *you are John* / *you are my friends*.

---

\* CEAUL / Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Como se chegou a esta situação?

Em Inglês Antigo, o período tradicionalmente situado entre 450 e 1150, o pronome pessoal apresentava um sistema com quatro formas de casos e três de números, como na Tabela 1, a seguir:

	Singular	Dual	Plural
Nominativo	þu	git	ge
Genitivo	þin	incer	eower
Acusativo	þe	inc	eow
Dativo	þe	inc	eow

Tabela 1: o pronome de 2ª pessoa em Inglês Antigo

Contudo, este sistema foi afectado por grandes mudanças que ocorreram na língua, particularmente no Inglês Médio, período que, por convenção, vem sendo situado entre 1150 e 1500.

Muito cedo, a forma dual desaparece, já não ocorrendo no início do século XIII.

No entanto, o contraste de número na 2ª pessoa verifica-se até muito mais tarde, até ao século XVI, nomeadamente no contraste manifesto pelas formas de nominativo *thou* e *ye*, correspondentes, respectivamente, às antigas formas *þu* e *ge*.

Todavia, quando analisamos a função das formas *thou* e *ye*, verificamos que não se trata apenas da manifestação de um contraste de número. De facto, o pronome historicamente marcador de plural, ou seja, *ye*, desde o século XIV, tinha vindo a ser usado como sinal de formalidade no tratamento, mesmo no caso em que o emissor se dirigia a uma única pessoa.

Aliás, este uso formal da forma de plural encontra-se documentado até mesmo já no século XIII, embora, é certo, muito ocasionalmente (cf. Strang, 1974:139). Tal uso, uma vez introduzido, foi-se tornando cada vez mais frequente, pois, em caso de dúvida quanto ao grau de formalidade a atribuir ao tratamento do seu destinatário, compreensivelmente, o emissor preferia manifestar algum excesso de delicadeza do que arriscar-se a ofender a pessoa a quem se dirigia, e cada precedente nesta utilização do pronome *ye* ia aumentando os casos de dúvida no uso da forma.

A partir de 1600, a forma “plural” *you* passa a ser a forma de tratamento normal, não marcada, a usar quando o destinatário é só um indivíduo; por seu lado, o uso de *thou* indicava, depois desta data, que a relação entre o emissor e o destinatário não pertencia ao tipo central.

A relação entre o emissor e o destinatário manifestada por *thou* podia afastar-se da centralidade de dois modos,

- a) ou em direcção a uma estreita intimidade entre os interlocutores,
- b) ou em direcção ao distanciamento social, como no caso em que alguém se

dirige a crianças, ou a membros da sociedade considerados inferiores, ou, num caso muito especial, a um ser superior, i.e., Deus.

Nos finais do século XVIII, *thou* é uma forma que sobrevive apenas em variedades dialectais, entre os *Quakers*, em certos passos literários e na sua actual função religiosa, arcaizante.

Entretanto, o próprio pronome “plural” também sofrera mudanças.

Na Tabela 1 acima, podemos verificar que há apenas uma forma do pronome pessoal, 2ª pessoa, para o dativo e o acusativo no singular, dual e plural. De facto, no final do período antigo, o dativo e o acusativo, regra geral, fundem-se numa só forma, apresentando sincretismo. Repare-se também que, já em Inglês Médio, *ye* é a forma de sujeito e *you*, a de objecto. Ora este contraste, *ye* sujeito, *you*, objecto, começa também a sofrer uma evolução.

Notemos a existência de duas distinções, uma manifestada pelas formas *þu*, *thou* singular, e *ge*, *ye*, plural, e outra manifestada pelas formas *ye*, sujeito, e *you*, objecto, ambas marcadas pela mesma alternância vocálica *e/u*.

Desde o princípio do século XIV, *you* começa a aparecer com funções de sujeito, enquanto *ye* ocorre como objecto, sendo provável que tais ocorrências tenham aumentado a confusão quanto ao papel casual da distinção formal marcada pela alternância *e/u* manifesta nos pronomes de 2ª pessoa, ainda mais notória após o estabelecimento do uso da forma plural no singular, para marcar um tratamento formal.

Considerando a língua no século XVIII, verificamos que *you* se tornara a norma e que *ye* aparece apenas em usos literários. Na altura, houve ainda algumas tentativas para se introduzir mecanismos que estabelecessem de novo a distinção entre as formas de singular e de plural, como, por exemplo, o contraste manifesto pela concordância no verbo, *you is* (singular), *you are* (plural), mas a firme acção dos puristas foi eficaz, no sentido de a erradicar por completo da norma padrão.

Para além das formas de 2ª pessoa, a que nos referimos, outra forma pronominal que pode suscitar algumas perguntas, em particular a quem estuda literatura medieval, ou se interessa por dialectos, é o pronome da 3ª pessoa do plural, *they*.

O sistema em Inglês Antigo apresentava formas iniciadas por uma fricativa surda aspirada, representada na escrita por <h>. Todavia, tal sistema pronominal da 3ª pessoa do plural foi substituído, no inglês padrão, por um paradigma de origem escandinava.

As formas escandinavas aparecem primeiro nos dialectos do norte da Inglaterra e só mais tarde, lentamente, vão sendo usadas gradualmente no sul, tendo umas formas sido adaptadas mais rapidamente do que outras, nesta parte do território. São formas começadas por fricativa surda interdental, representada na escrita pela letra *thorn*, a runa <þ> (que foi usada na Tabela 1 acima).

Na Tabela 2, a seguir, apresentamos as três fases do desenvolvimento gradual do pronome pessoal da 3ª pessoa do plural (Blake ed., 1992:121)

	I	II	III
Nominativo	þei	þei	þei
Genitivo	here(e)	her(e), þeir	þeir
Oblíquo	hem	hem	hem, þem

Tabela 2: Pronome de 3ª pessoa plural em Inglês Médio. Fases de Desenvolvimento

Como vemos, regra geral, a forma do nominativo foi a que inicia esta substituição, seguida depois pela forma do genitivo. Na realidade, as diferentes formas casuais não foram substituídas uniformemente; na fase I, é usado o pronome *þei* de origem escandinava, a par com as outras duas formas anglo-saxónicas, *here* e *hem*; na fase II, que corresponde aos usos no século XV, o nominativo e o genitivo já são formas de origem escandinava, e finalmente, na fase III, já se verifica a substituição de todo o sistema anglo-saxónico pelas formas estrangeiras, embora ainda se utilize a forma nativa *hem*.

Por exemplo em Chaucer, autor do século XIV, é frequente encontrarmos a forma escandinava *þei* do nominativo, a par com as formas anglo-saxónicas *here* ou *hire*, do caso genitivo, e *hem* dos outros casos. No século XV, *their* já é a norma do caso genitivo, mas tal só acontece para *them* um século mais tarde.

## 2. A construção da passiva

Consideremos agora um outro aspecto do inglês actual a que a história da língua pode também lançar alguma luz, a passivização, analisando algumas construções passivas problemáticas.

Trata-se da manifestação de um outro exemplo da idiosincrasia do inglês, um processo pelo qual um constituinte passa a funcionar como sujeito de uma construção passiva, não sendo o objecto da activa correspondente. Hock (1986:322) refere-se a promoção, nestes casos, definindo este conceito do seguinte modo: “promotion refers to the process by which a constituent which in the ‘underlying’ active is not the subject of the sentence becomes the ‘surface’ subject of the passive”.

O processo da passivização, que se encontra, como sabemos, em grande número de línguas, pode apresentar diferentes modos de aplicação. Assim, quer em português, quer em inglês, normalmente, a passiva só pode ser formada com verbos chamados transitivos, porém, quando consideramos o tipo de elementos que podem ser “promovidos”, isto é, que podem vir a ser sujeito da passiva, o inglês apresenta certas escolhas não possíveis, por exemplo, na nossa língua.

De facto, considerando os exemplos em 1., constatamos que, em inglês, podem ser promovidos, digamos, tanto o objecto directo, como vemos em 1.a., como também o objecto indirecto, como em 1.b:

1. He gave Mary a book
- 1.a. A book was given to Mary
- 1.b. Mary was given a book

Aliás, podem também ser promovidos outros elementos, o que torna o caso do inglês ainda mais interessante. Como verificamos em 2. e em 3., podem ocorrer outras “promoções” em determinadas circunstâncias, com *Prepositional Verbs* e com *Phrasal Verbs*, respectivamente:

2. John called on the man
- 2.a. The man was called on
3. He tampered with the evidence
- 3.a. The evidence was tampered with by him

À primeira vista, parece estarmos perante a promoção de objectos indirectos (1.b.) e de sintagmas preposicionais (2.a e 3.a.).

Mas, porque razão o inglês pode promover objectos indirectos?

Porque é possível alargar a promoção a grupos preposicionais em determinadas circunstâncias?

Quais são essas circunstâncias?

Estas questões são facilmente explicáveis se, mais uma vez, considerarmos o passado da língua.

O Inglês Antigo apresenta objectos directos marcados com o caso dativo, para além de objectos directos marcados pelo caso acusativo, como se pode ver em 4. e em 5.

- |    |          |             |                     |
|----|----------|-------------|---------------------|
| 4. | ic       | seo         | <b>hie</b>          |
|    | sg. Nom. | sg. 1       | <b>pl. ac.</b>      |
|    | <i>I</i> | <i>see</i>  | <i>them</i>         |
| 5. | ic       | help        | <b>him</b>          |
|    | sg. Nom. | sg.1        | <b>sg./pl. dat.</b> |
|    | <i>I</i> | <i>help</i> | <i>him/them</i>     |

Repare-se que, como vemos em 6., o Inglês Antigo tinha também ocorrências do pronome *him* em que este funciona como objecto indirecto:

- |    |          |             |                     |               |
|----|----------|-------------|---------------------|---------------|
| 6. | ic       | gief        | <b>him</b>          | giefte        |
|    | sg. Nom  | sg.1        | <b>sg./pl. dat.</b> | sg. ac.       |
|    | <i>I</i> | <i>give</i> | <i>him/them</i>     | <i>a gift</i> |

Todas estas expressões podiam ser passivizadas. Porém, só o objecto marcado com o caso acusativo podia ser promovido a sujeito:

4.a.	hie	sin don	gesewen	(Com Promoção)
	pl. nom.	pl.3		
	<i>they</i>	<i>are seen</i>		
5.a.	him	is	geholpen	(Sem Promoção)
	sg./pl. dat.	sg.3		
	<i>To him /them</i>	<i>is</i>	<i>helped</i>	
6.a.	him	is	giefen	(Sem Promoção)
	sg./pl. dat.	sg.3		
	<i>to him/them</i>	<i>is</i>	<i>given</i>	

Os objectos directos, marcados com o caso dativo, e os objectos indirectos não podiam ser promovidos em Inglês Antigo, como vemos em 5. a. e em 6. a.

Acontece porém que, ainda no período antigo, a distinção morfológica entre dativo e acusativo começa a desaparecer; em breve, as duas formas de caso se fundem, apresentando sincretismo. Ora, esta mudança vai ter repercussões importantes para a passivização.

À medida que a distinção morfológica entre o acusativo e o dativo desaparece, também desaparecem as distinções sintácticas correspondentes. Em breve todos os objectos são reinterpretados como equivalentes, quer sejam objectos directos, ou indirectos, quer fosse originalmente marcados pelo caso acusativo, ou pelo caso dativo. Consequentemente, ambos adquirem a capacidade a que se refere Hock (1986), a *promotability of objects*, isto é, a de se tornarem “promovíveis”; adquirida essa capacidade, foram, de facto, promovidos a sujeitos, passando as estruturas do tipo das que ocorrem em 5.a. e em 6. a. a serem não gramaticais, como vemos em 7.a., e a serem substituídas por passivas como em 7.b.:

7. a. \*him/them is helped by me

\*him/them is given a gift

7.b. he is helped by me

he is given a gift

they are helped by me

they are given a gift

Mas a promotabilidade dos objectos não se limitou a estes objectos, como sabemos. Hoje, são promovíveis objectos indirectos, como vemos em 8. e em 9., mesmo quando marcados pela preposição *to*, para além de sintagmas preposicionais:

8. I sent a letter to him

8.a. He was sent a letter to

9. People stared at him

9.a. He was stared at

Tais desenvolvimentos tomaram lugar na língua inglesa desde cedo.

Em Inglês Antigo, a distinção entre certas preposições e advérbios não era tão plenamente conseguida como hoje. Consequentemente, a posição na frase destes “advérbios/preposições” era bastante livre em relação ao sintagma nominal regido por estes elementos, por um lado, e ao verbo, por outro. Encontramos todas as seguintes ordens apresentadas em 10., 11., 12., 13. e 14.:

10.	heo	þa	fuhton	<b>wip</b>	<b>Walum</b>
			V	Prep	pl. dat.
	<i>they</i>	<i>then</i>	<i>fought</i>	<i>against</i>	<i>the Welsh</i>
11.	gefuhton			<b>wip</b>	<b>Walum</b>
	V			Prep	pl. dat.
	<i>(they) fought</i>			<i>against</i>	<i>the Welsh</i>
12.	ond	<b>him</b>	<b>wip</b>	feahht	
		sg. dat.	Prep	V	
	<i>and</i>	<i>him</i>	<i>against</i>	<i>fought</i>	
13.	ond	<b>wip</b>	<b>him</b>	gefuhton	
		Prep	pl. dat.	V	
	<i>and</i>	<i>against</i>	<i>them</i>	<i>fought</i>	
14.	ond	<b>him</b>	gefeahht	<b>wip</b>	Apelwulf
		pl. dat.	V	Prep	sg.nom.
	<i>and Athelwulf fought against them</i>				

Nesta medida, torna-se possível reinterpretar os sintagmas preposicionais como objectos directos de combinações verbo+advérbio. Esta reinterpretação permitiu, por sua vez, a promoção destes “objectos directos” a sujeitos da construção passiva correspondente, como podemos ver em 15.:

15. The Welsh were fought against.

Note-se, contudo, que, embora tenham aparecido estruturas do tipo das que já referimos em 8. e em 9. mesmo já no século XIII, esta possibilidade de sintagmas preposicionais serem promovíveis ainda não está completamente estabelecida na língua, nos nossos dias.

Com efeito, e esta é uma condição válida desde o início da mudança, a língua inglesa só admite a promoção destes grupos preposicionais, se a preposição se

mantiver *in situ*, isto é, na sua posição de origem. Assim, uma frase como 16.,

16. *He tampered with the evidence*

admite uma construção passiva, como vemos em 16. a., mas não a admite, como vemos no caso de 16. b.:

16.a. *The evidence was tampered with by him*

16. b. *\*with the evidence was tampered by him.*

Outras condições há que presidem à promotabilidade. O que apresentámos, porém, parece-nos suficiente para manifestar a importância do contributo da perspectiva histórica para a compreensão destes factos linguísticos.

O conhecimento dos antecedentes traz sempre uma compreensão especial a qualquer assunto; no caso particular do inglês, não se desmerecendo embora a compreensão que o domínio da estrutura actual transmite, é de valorizar este outro acréscimo que a história da língua proporciona e que permite entender mais esclarecidamente muitos aspectos do inglês dos nossos dias.

### Bibliografia

Blake, N., ed., *The Cambridge History of the English Language*, vol. II, 1066-1476, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

Hock, H. H., *Principles of Historical Linguistics*, Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986.

Strang, B., *A History of English*, London: Methuen, 1974.